

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

MARIANA XAVIER ORTEGA

**AFETIVIDADE EM UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO E ANTIRRACISTA: uma
revisão sistemática.**

Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia

São Paulo

2023

MARIANA XAVIER ORTEGA

**AFETIVIDADE EM UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO ANTIRRACISTA: uma
revisão sistemática.**

Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharelado em Psicologia, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Felipe Monteiro da Cruz.

São Paulo

2023

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso se propõe a continuar os estudos no campo de interesse da pesquisadora, construindo novos referenciais para o acolhimento e o cuidado pautados no afeto. O objetivo aqui proposto foi analisar como a academia brasileira tem produzido a partir da categoria “Afetividade” levando em conta os atravessamentos de raça e gênero. Para isso foi feita uma revisão sistemática. Foram realizadas buscas nos bancos de dados CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), no Portal da SciELO (Scientific Electronic Library Online) e no Portal da BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), tendo sido escolhidos os descritores Afetividade e Mulheres negras. Enquanto resultados, após exclusão de duplicatas, foram lidos, descritos e analisados 20 artigos. A exposição dos resultados dividiu-se em três categorias, considerando a consonância do termo afetividades utilizado nos textos. Sendo elas: **Afeto como relações interpessoais amorosas-sexual, Afeto como reinvidicação do feminismo negro e Afeto como laços de carinho**. A análise proporcionou elencar referências importantes para a área, tecer reflexões sobre a produção acadêmica, olhar para a abrangência temática que envolve o conceito. Dentre os que se destacam estão questões relacionadas aos relacionamentos amorosos e a crítica à ideia de amor romântico e a urgência de pensar os afetos a partir de uma perspectiva interseccional, crítica e antirracista.

Palavras-chaves: feminismo negro, afetividade, revisão sistemática.

7.07.05.00-3 - Psicologia Social

Todo choro de rancor se apague
Nossas filhas verão mais amor que nós
E ouço essa voz

Sonhos sob meus pés
Que as minhas mãos só toquem ouro
Oração dos meus pais
E bem mais atrás nosso tesouro
Que essa pele marrom
Suba o tom se for preciso
Muito além dessa dor
Bem mais amor, eu sei pelo que brigo

(Ouro Marrom, Jota.Pê)

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	5
2. INTRODUÇÃO	6
2.1. Descolonizando a academia	7
2.2 Afetividade	8
3. OBJETIVOS.....	12
3. 1. OBJETIVO GERAL.....	12
3. 2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
4. MÉTODO.....	12
5. RESULTADOS.....	15
6. DISCUSSÃO.....	26
6.1. Compreender como a presença ou a ausência dos conhecimentos psicológicos nas pesquisas em questão se evidenciam.....	27
6. 2. Caracterizar e criticar o que se tem produzido.....	29
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
8. REFERÊNCIAS.....	33

1. APRESENTAÇÃO

Durante a graduação eu tive a oportunidade de fazer uma pesquisa de Iniciação Científica intitulada Afetividade e o Cuidado na Clínica em Psicologia Sócio-histórica: uma experiência de cuidado aquilombado entre mulheres. A vontade de assumir o compromisso com os conhecimentos que adquiri ao longo da minha formação, de maneira que fossem relevantes e potentes para mim e para os outros, foi o que me motivou. Ao fazer essa pesquisa eu tinha como horizonte buscar formas de produzir uma clínica afetiva, buscando nas vozes de mulheres conhecimentos para além da academia, para assim produzir sentidos de cuidado.

No processo eu pude me debruçar sobre referências que conversaram comigo e que representam o que eu quero construir enquanto pesquisadora e psicóloga atuante no mundo. Foi um processo de extrema importância para mim, mas que não aconteceu sem dores.

Não foi fácil escrever. Essa é uma dificuldade que eu carrego, que eu bem sei que está relacionado com o modo colonizado no qual nós fomos educadas, Gloria Anzaldúa em sua carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo me confirma isso. Mas além da própria escrita, estar escrevendo de lugares nos quais eu ainda estou me encontrando, tanto na minha vivência racial, quanto acadêmica e trabalhar com um tema que tanto me atravessa, fizeram o exercício de produzir uma pesquisa desafiador, ainda que muito relevante e realizador.

Eu trago essa última experiência porque o trabalho de conclusão de curso que eu vou desenvolver transborda da minha última pesquisa. Eu sigo tendo o mesmo horizonte, sigo na busca de produzir conhecimento e usar meu espaço acadêmico para produzir abertura de cuidado para as mulheres que me cercam e constituem. Com a certeza de que isso só será plenamente possível quando avançarmos nas discussões de gênero e raça, quando mudarmos nosso modo de estar no mundo e quando de fato emanciparmos mulheres negras.

É do meu desejo, portanto, seguir produzindo a partir desse campo, a partir dessas categorias, mas de um lugar que eu me sinta mais segura. A proposta de fazer uma revisão sistemática é uma tentativa de me sentir mais resguardada, tanto por estar mais distante, quanto sentir que uma linguagem explicitamente acadêmica, a qual eu tenho ressalvas e críticas, possa me amparar de alguma forma, ainda que

eu siga trabalhando com um tema que me afeta profundamente. Sou avessa à máxima de que o pesquisador deve buscar se anular de sua pesquisa.

Somado a isso, pesquisar sobre os afetos de mulheres negras mostrou-se um campo com poucas produções. Nesse sentido, poder levantar o que já existe publicado e pensar caminhos a partir desses trabalhos foi algo que não foi feito na primeira, mas que eu acredito ser de grande relevância para o mundo acadêmico.

2. INTRODUÇÃO

2.1. Descolonizando a academia

“Nem todas as teorias cabem a todos os corpos” (Hilário, 2021). Escolho essa frase de início para questionar o lugar da academia e propor um debate acerca das nossas bases acadêmicas. Muitos princípios e teorias científicas foram desenvolvidos a partir de perspectivas eurocêntricas, ignorando saberes e práticas tradicionais de outras culturas. No livro *Histórias Feitas Por Mãos Negras*, Beatriz Nascimento (2021) discorre sobre o fato de que a universalização da experiência europeia fez com que a história ocidental fosse distorcida, tornando apenas uma forma de conhecimento como única válida. Como consequência vemos a subalternização dos povos, onde representações plurais de conhecimentos são silenciadas.

Esse processo de eurocentramento, iniciado com a colonização das américas, que se estende para outros países, não se encerrou com o fim das colônias/ independência dos países. Aníbal Quijano (2005), escreve sobre as estruturas de poder coloniais que se estendem à cultura, ao imaginário social, à estética, à religiosidade, ao campo epistemológico. Tudo que é europeu e, portanto, branco é tido como superior. Vale lembrar que vivemos mais de 300 anos de escravidão, marcados por violências, uma exploração infindável de recursos, genocídios, dominação, acultramento, que constituem as bases racistas e patriarcais no Brasil.

Isso posto, é possível refletir as razões pelas quais, ao nos depararmos com a tradição colonialista e patriarcal na academia, notamos o apagamento das produções de mulheres em todos os campos. (Pereira; Santana; Silva, 2019). Dessa

forma, o que se vê são produções de homens brancos dominando esse espaço, que levou à produção de uma ciência que não necessariamente dialoga com a realidade brasileira e pior, perpétua e justifica ideologias racistas.

Valorizar produções feitas por mulheres potencializa a possibilidade de mostrar a pluralidade e as particularidades do que é ser mulher negra na nossa sociedade, marcada por relações de opressão-exploração-dominação, expressas como racismo e machismo. Grada Kilomba (2019) sobre a importância de que mulheres estejam produzindo conhecimento, diz :

“Todo o processo alcança um estado de descolonização; isto é, internamente, não se existe mais como a/o “Outra/o”, mas como o eu. Somos eu, somos sujeito, somos quem descreve, somos quem narra, somos autoras/es e autoridade da nossa própria realidade. Assim, regresso ao início deste livro: tornamo-nos sujeito.” (Kilomba, 2019, p. 238)

No livro de Kilomba (2019, p. 224), ela introduz o conceito de descolonização como o desmantelamento do colonialismo. Isso implica no processo através do qual os indivíduos colonizados buscam conquistar sua autonomia. A autora argumenta que durante esse processo, o sujeito se reconhece como agente ativo, rompendo com a anterior passividade imposta pela colonização. Além disso, a descolonização é vista como um movimento em direção ao senso de pertencimento, pois a verdadeira pertença implica não ser definido como "outro", mas sim a possibilidade de ser autenticamente "eu mesmo". Nesse contexto, a descolonização emerge como um mecanismo de "desalienação", permitindo aos indivíduos recuperar sua identidade e agência, enquanto se libertam das correntes impostas pelo colonialismo. (Kitadai; Brambilla, 2022).

O que pretendo ressaltar, portanto, é que o espaço acadêmico ainda carece de estudos que partam das vivências de mulheres negras, não somente como objeto de estudo, mas que tenham relevância para a luta e vida das mulheres e que estejam alinhados com o projeto de emancipação e cuidado de mulheres negras, de preferência encabeçado por elas. Expresso aqui o desejo de fortalecer a construção de estudos de mulheres negras, ainda que o espaço acadêmico possa ser um espaço colonizado, desafiador, solitário e violento muitas vezes.

A Lei de Cotas resultou em um aumento importante na presença de indivíduos negros na academia, porém ainda não foi suficiente para que a presença de professores e professoras negras com doutorado seja algo comum.

A falta de pessoas negras nos espaços de poder e abundância nos espaços de assujeitamento corrobora essa assertiva: de acordo com dados do portal do MEC (2021) 15,6% dos/das pessoas nos programas de pós-graduação no Brasil, portanto doutores e doutoras, são negras. (Hilário, 2021, p. 104).

A realização de uma pesquisa de revisão de literatura abre a possibilidade de vermos o que existe publicado sobre o tema para que assim os avanços que vem acontecendo e as lacunas que existem, sejam de fato enxergados. Para então, pensar onde novas pesquisas podem contribuir para os estudos na psicologia e na ciência como um todo.

2.2 Afetividade

Afetividade/afeto é um conceito presente nos debates de raça e gênero, especialmente nos espaços de discussão como redes sociais, podcasts e youtube. O termo aparece sem uma definição específica, mas como uma demanda importante para a discussão. A afetividade de mulheres negras é um tema que muito vem sendo tratado por pensadoras e poetisas relevantes para o feminismo negro, como Virgínia Bicudo (2010), Neusa Santos Souza (2021), Beatriz Nascimento (Ratts, 2016), Audre Lorde (2020), Conceição Evaristo (2014; 2005), bell hooks (2021) (e muitas outras), que em suas escrituras trazem que falar dos seus afetos é essencial na busca por autonomia, apropriação de si e fortalecimento na luta por emancipação.

Esse trabalho parte de duas referências principais para definir esse conceito. Sendo eles o referencial teórico que vem da abordagem da Psicologia Sócio-histórica e um referencial que parte do feminismo negro, tendo como principal referência a bell hooks. Essas definições guiaram as análises que foram feitas.

A norte-americana bell hooks (1994/2010) em “Vivendo de Amor” propõe uma reflexão sobre como um passado escravagista, foi capaz de provocar em mulheres negras uma “ferida até o coração”. Em suas palavras:

Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, “feridos até o coração”, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor. (hooks, 1994/2010)

Essa ferida se alarga quando pensamos que para além das violências que atravessam o período escravocrata que marcaram subjetivamente a forma como as pessoas se relacionam consigo e com os outros, vivemos um contexto no qual o pensamento colonial separa de maneira dicotômica a razão e a emoção, historicamente relegando a expressão das emoções ao campo da irracionalidade e do primitivismo, em contraposição à suposta "racionalidade" do homem branco (Faustino, 2013, p.6; Souza, 2021, p.61), a colonialidade tem como resultado a objetificação do corpo negro, negando-lhe sua humanidade, individualidade e profundidade, reduzindo a experiência negra a instintos selvagens.

A demonstração das emoções passa a ser um signo permitido apenas às mulheres brancas. A demonstração de sentimentos para pessoas negras, em especial mulheres, produz desqualificação social, subordinação ou então ignora-se ou patologiza-se. Em 1851, em seu discurso “Não sou eu uma mulher?” Sojourner Truth, uma abolicionista e ativista dos direitos das mulheres afro-americana, disse: “Dei à luz treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher?” (Davis, 2016 p.). Mulheres negras até hoje não foram autorizadas a sentir.

Em contrapartida, bell hooks propõe que a saúde emocional é tão importante quanto o movimento contra o racismo e o sexismo – já que na verdade essas duas experiências estão interligadas, pois “quando nos amamos, sabemos que é preciso

ir além da sobrevivência. É preciso criar condições para viver plenamente” (hooks, 1994/2010). Quando mulheres negras são capazes de reconhecer seus sentimentos, conseqüentemente reconhecem suas necessidades, possibilitando assim o cuidado de si e se afirmarem enquanto sujeito no processo emancipatório.

Esse sentido proposto por ela aproxima-se da noção de afetividade desenvolvida dentro dos autores sócio-históricos. A Psicologia Sócio-histórica entende a afetividade como categoria fundamental do psiquismo, compreendendo-a como agente transformador (Lane, 1999, p. 119). Nossas motivações são sustentadas em afetos e emoções que impulsionam à atividade e à ação, produzindo deslocamentos psíquicos e orgânicos. A partir de uma análise Sócio-histórica entendemos que as emoções e sentimentos são um processo de significação de vivências do sujeito em suas relações sociais e materiais. Esse processo de significação é mediado pelas particularidades das relações (grupos, família, escola, entre outras) nas quais o sujeito está inserido.

Nossas emoções participam de todas as fases de desenvolvimento da nossa consciência (Toassa, 2009). Sem os afetos não existe a criação de sentidos (Rey, 2004, p. 168).

O que proponho, ecoando a bell hooks, é que ao experienciar a força transformadora do amor como afeto, abre-se a possibilidade de alterar as estruturas sociais existentes. Bader Sawaia (2009), uma importante referência da abordagem Sócio-histórica, propõe o conceito de sofrimento ético-político como a dor causada pela vivência diária das expressões da violência estatal e da ausência de direitos e injustiças dos que vivem em situação de miséria. Ao desenvolver sua teoria, a autora parte do conceito de afetividade para pensá-lo como ferramenta de transformação social, que é o que se propõe ao falar de amor como afeto.

Inspirada em Vigotski e Espinosa, defenderei que a emoção e a criatividade são dimensões ético-políticas da ação transformadora, de superação da desigualdade, e que trabalhar com elas não é cair na estetização das questões sociais, ou solipsismo, mas sim um meio de atuar no que há de mais singular da ação política emancipadora. (Sawaia, 2009, p. 366)

Estamos pensando em um indivíduo, ativo e histórico, que a partir de sua subjetivação e seus afetos tenha potência de ação para sair da passividade e

superar essa desigualdade, é isso que chamamos de afetividade como ferramenta de transformação social.

Essa também é uma contribuição conceitual que a obra de bell hooks empresta a essa pesquisa, a noção de amor para além do que é entendido no senso comum, como um sentimento romântico e materno. O amor não se trata de um sentimento, ela vai além ao propor que “amar” se expressa nas ações:

Começar por sempre pensar no amor como uma ação, em vez de um sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira automaticamente assuma responsabilidade e comprometimento. (...) Se nos lembrássemos constantemente de que o amor é o que o amor faz, não usaríamos a palavra de um jeito que desvaloriza e degrada o seu significado. Quando amamos, expressamos cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança. (hooks, 2021)

Logo, ela propõe que esse amor do qual nos referimos é ao mesmo tempo “uma intenção e uma ação”, (hooks, 2021). Ao experienciar a força transformadora do amor como afeto, abre-se a possibilidade de alterar as estruturas sociais existentes (hooks, 1994/2010).

Feita essa introdução, acredito que estudar esse tema e encarar as produções acadêmicas a respeito dele com um olhar crítico e racializado seja um dos caminhos na busca por uma academia, e conseqüentemente uma construção de conhecimentos, que deixe de reproduzir saberes e posturas racistas. Essa deve ser a nossa responsabilidade ético-política enquanto psicólogas frente ao panorama Sócio-histórico do nosso país (Martín-Baró, 1996). Decolonializar nossos saberes, olhar para outras referências é fundamental se buscamos o fim das relações de opressão-exploração-dominação, geradoras de sofrimento. Sem reproduzir violências e silenciamentos

Olhar para as questões de afeto com um referencial interseccional e historicizado, permite que repensemos uma noção já cristalizada, entendendo nossos afetos e emoções não como universais, mas enquanto construção social. Refletir sobre a forma como mulheres negras vivenciam sua subjetividade e afetos, e como isso está sendo traduzido nas pesquisas, é uma maneira de demonstrar que a utilização de teorias de forma indiscriminada e generalizada, sem olhar para o contexto Sócio-histórico, podem reforçar noções de superioridade ou inferioridade baseados em diferenças raciais.

Por fim, esse tema se coloca como importante porque lendo poemas, livros, ouvindo canções e sentindo na pele e nas mulheres ao meu redor a presença e emergência de falar das nossas dores e forças, me faz crer na potência de falar sobre sentimentos a partir de um olhar crítico e racializado, no compartilhamento dessas vivências no meio acadêmico e dentro da psicologia.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral:

Identificar, na literatura acadêmico-científica brasileira, um balanço das pesquisas que envolvem as categorias "Mulheres Negras" e "Afetividade".

3.1 Objetivo Específicos:

1. Compreender como a presença ou a ausência dos conhecimentos psicológicos nas pesquisas em questão se evidenciam.
2. Caracterizar e criticar o que se tem produzido
3. Integrar como a literatura científica aborda esse conceito afetividade.

4. MÉTODO

Foi utilizado o método de revisão sistemática de literatura, que consiste em uma modalidade de pesquisa com protocolos rigorosos, passos bem estruturados, a fim de garantir que diferentes pesquisadores encontrem os mesmos resultados ao tentar reproduzir o estudo aqui feito. Esse tipo de pesquisa “busca entender e dar alguma logicidade a um grande corpus documental, especialmente, verificando o que funciona e o que não funciona num dado contexto”. (Galvão e Ricarti, 2019, p.56). Pretende-se, portanto, através de uma metodologia explícita, sintetizar as descobertas dos estudos realizados acerca do tema aqui proposto: apreender a categoria da afetividade, numa perspectiva de gênero e de raça, presente nos trabalhos já publicados para entender possíveis aproximações e contradições no

campo e identificar caminhos possíveis para futuras pesquisas. (Sampaio e Mancini, 2007)

Para tanto, foram levantados dois descritores para a realização da revisão de literatura, sendo eles: Afetividade e Mulheres negras. A escolha se deu a partir do conhecimento da pesquisadora, tendo como referência a abordagem da psicologia Sócio-histórica a partir das autoras Silvia Lane (1999), Bader Sawaia (2007;2009), e Gisele Toassa (2009), e dos estudos do feminismo negro, como teoria social crítica, tendo como principal referência bell hooks e entendendo que a categoria afetividade tem aparecido cada vez mais nos estudos e discussões que pensam o cuidado e vivências de mulheres negras. (Ortega; Brambilla, 2023)

Para a realização do levantamento, foram consultadas três bases de dados: o Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior); o Portal da SciELO (Scientific Electronic Library Online); e o Portal da BVS (Biblioteca Virtual em Saúde). A escolha destes bancos de dados justifica-se pelo número expressivo de estudos nacionais e a seletividade dos artigos, pensando na qualidade e não na expressividade de artigos. As bases de dados foram acessadas no período compreendido entre set/2023 e out/2023.

Tabela 1 - Apresentação de Trabalhos por Descritores de Busca em cada Base de Dados (elaborada pela autora)

Artigos Encontrados nos Bancos de Dados por Combinação dos Descritores	CAPES	SciELO	BVS	TOTAL
Mulheres negras AND Afetividade	21	0	1	22

Foram considerados artigos publicados em língua portuguesa, publicados nos últimos 10 anos, desde que estivessem presentes nos periódicos indexados nas bases de dados escolhidas e que seus textos fossem de livre acesso e integral.

Os vinte e dois artigos encontrados preliminarmente foram lidos e analisados, a partir de seus objetivos, resultados e conclusões. Após essa etapa, realizou-se a primeira seleção, eliminando duplicatas e artigos que não atendiam aos critérios de

inclusão e exclusão previamente definidos. Dos 22, dois se repetiram. Ao final foram lidos na íntegra 20 artigos.

O método de análise escolhido foi agrupar os estudos encontrados em categorias a partir de ideias que se repetem. As categorias levantadas são **Afeto como relações interpessoais amorosas-sexual**, na quais os artigos trazem os relacionamentos amorosos como centrais nas análises, entendendo afeto como os sentimentos que atravessam esse tipo de relação, **Afeto como reivindicação do feminismo negro**, nos quais os textos em questão trazem o afeto como um elemento constituinte da experiência das mulheres, tendo entre eles o consenso de que são atravessados pelos marcadores de raça e gênero, não se tratando de vivências universais e **Afeto como laços de carinho**, categoria na qual apenas um texto aparece, mas que refere afetos à uma relação interpessoal, sem o vínculo amoroso-sexual.

5. RESULTADOS

Para apresentar os resultados encontrados a partir da leitura dos 20 artigos, a fim de fazer um balanço da literatura científica acerca do tema, foram observadas algumas ideias que se repetem nos textos. A partir das leituras foram propostas três categorias de análise. São elas: **Afeto como relações interpessoais amorosas-sexual**, **Afeto como reivindicação do feminismo negro** e **Afeto como laços de carinho**. Vale ressaltar que nem todos os artigos trazem definições específicas para o que chamam de afetividade, mas de maneira geral, o afeto no texto aparece como um elemento importante para ser visto e investido ao se pensar no cuidado de mulheres. Isso posto, as categorias foram pensadas a partir das referências da pesquisadora, uma vez que o trabalho aqui feito se propõe sistematizar essas definições que aparecem pulverizadas.

A seguir foi desenhada uma tabela que distribui os trabalhos lidos nas categorias de análise propostas, acompanhado de um trecho que indique a forma como a afetividade é trabalhada no artigo. Em alguns casos não foram selecionadas citações diretas, pois o sentido foi apreendido a partir da integralidade do texto.

Tabela 2 - Apresentação Dos Trabalhos Por Categoria De Análise Com Citações Dos Estudos Analisados e Área De Formação Da Primeira Autoria.

CATEGORIAS	ESTUDOS	ÁREA DE FORMAÇÃO
<p>Afeto como relações interpessoais amorosos-sexual</p>	<p>“Mulheres Negras Brasileiras: Sentimentos e Vivências em Relação à Solidão” <i>Eu tenho vinte anos e nunca me senti bonita e segura o suficiente para alguém. Internamente eu sempre acho que as pessoas têm uma opção melhor do que eu. Também inclui situações em que me colocam apenas para uma relação algo casual e nunca uma relação que envolva laços de afetividade”</i> (Rodrigues e Pereira, 2021, p. 256)</p> <p>“O amor entre mulheres negras é um ato revolucionário: (re)existências lesboafetivas e subversão à heteronorma em “Beijo na Face”, de Conceição Evaristo” - <i>“com isso, a personagem de Evaristo nos permite refletir, conjuntamente às questões de gênero e raça, sobre a desnaturalização da heterossexualidade como destino de todas as mulheres, endossando as múltiplas possibilidades de expressar e experimentar as sexualidades e as afetividades.”</i> (Amaral e Camargo, 2022, p.6)</p> <p>“Solidão tem cor? Uma análise sobre a afetividade das mulheres negras” - <i>“os corpos femininos, especialmente das mulheres negras, são produzidos historicamente e</i></p>	<p>Ciências Sociais</p> <p>Letras-literatura</p> <p>Direito</p>

	<p><i>é sobre o ato de amar e ser amada que as representações em torno do corpo da negra alojam as hierarquias sociais prescritas que determinam a escolha da afetividade” (Oliveira e Santos, 2018, p.11)</i></p> <p>“Um “Olhar Oposicional” Sobre o Amor: Afetividade e Sexualidade Pelo Olhar de Intelectuais Negras”O artigo constrói análises que olham para como os marcadores raciais e de gênero constituem a subjetividade de mulheres negras. Atravessadas pelas relações afetivas sexuais a partir das autoras Lélia Gonzáles, Beatriz Nascimento e Virgínia Bicudo, ela critica a ideia de democracia racial, proposta por Gilberto Freyre, marcando como os relacionamentos interraciais foram mar por violências, na inferiorização de pessoas negras e reforçando padrões de beleza e comportamento tendo o branco como norma. Nesse sentido o texto traz a potência de relacionamentos afrocentrados, de estudos como este para a mudança subjetiva de pessoas negras e sua emancipação.</p> <p>“Experiências De Solidão Da Mulher Negra Como Repercussão Do Racismo Estrutural Brasileiro”A revisão bibliográfica e a análise de entrevistas feitas neste artigo revelam como o racismo estrutural afeta a afetividade sexual das mulheres negras. Isso afeta sua autoestima e posição nas assimetrias de poder, com impactos na saúde mental. Estudar a afetividade da mulher negra permite deslocamentos em lugares</p>	<p>Sociologia</p> <p>Psicologia Clínica</p>
--	--	---

	<p>instituídos. As representações culturais estereotipam mulheres negras, negando-lhes direito ao afeto, enquanto as brancas são vistas como dignas de relacionamentos estáveis. Isso resulta em dificuldade de acesso a relacionamentos não objetificadores para as mulheres negras. A abordagem da mulher negra está ligada ao resgate histórico, contextualizando a contemporaneidade como uma continuação do colonialismo, com os pilares do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado afetando objetiva e subjetivamente.</p> <p>“Mulheres Negras, Sexualidades E A Herança Das Relações Coloniais: Nuances Reveladas Em <i>Balada De Amor Ao Vento</i>, De Paulina Chiziane, E <i>O Olho Mais Azul</i>, De Toni Morrison” <i>“No presente trabalho, pretendo investigar as relações entre raça e gênero nos romances <i>Balada de amor ao vento</i>, de Paulina Chiziane, e <i>O olho mais azul</i>, de Toni Morrison, escritoras que retratam tempos e espaços diferentes, mas nos quais uma série de experiências relacionadas às construções sociais de raça e gênero ligam as suas protagonistas, Sarnau e Pecola, respectivamente. Focando-me no exercício da sexualidade e da afetividade das personagens, proponho que a presença ou a herança das relações coloniais produz contextos que atingem as mulheres negras, atravessando espaços da África e da diáspora africana.”</i> (César, 2010, n.p)</p> <p>“A história de uma mulher negra e gorda: cotidiano, afetividade e sexualidade” - <i>“Apesar do seu corpo ser objeto de angústia para si, no que diz respeito ao contato</i></p>	<p>Literatura</p> <p>Nutrição</p>
--	---	-----------------------------------

	<p><i>sexual com Pedro, Mel transcende essa questão uma vez que se sente recompensada pela segurança e afeto que obtém dessa relação.” (Carniel, Dierks e Jung, 2023, p.9)</i></p> <p>Antes que ele chegue, eu já sou mulher”: figurações do feminino na lírica de Livia Natália <i>“Nesse sentido, a poesia de Livia Natália tematiza a solidão, a descolonização das afetividades, os relacionamentos afrocentrados e a representação dissonante do feminino.” (Junior, 2020, p.424)</i></p> <p>Ifigênia: De Prostituta À Heroína. - <i>“A constatação, ainda que pareça injusta no aspecto interpessoal, é acertada no enquadramento da problemática social: a entrega voluntária do afeto, no trecho, mistura-se ao entendimento do lugar objetificado destinado à mulher negra. Se levamos em conta as violências demonstradas anteriormente, a mulher negra no contexto da sociedade brasileira só poderia ser de um homem branco, mesmo que comparada à imagem da prostituta (a profissão em que, de fato atua): se não é possível por amor, é apenas deste modo, como objeto, que a personagem pode estar acompanhada.” (Rouse, 2020, p.65)</i></p> <p>Literatura Afrofeminina Na Escola: Contribuições E Reflexões Em Torno Das Afetividades De Adolescentes Negras <i>“As afetividades vivenciadas na escola, permeiam um simples “selinho” (beijo rápido onde os lábios se tocam rapidamente), troca</i></p>	<p>Literatura</p> <p>Artes Cênicas</p> <p>Letras</p>
--	---	---

	<p><i>de olhares, gestos e toque/contato com o outro, são os sentidos do adolescer.” (Ferreira e Proença, 2017, p.132)</i></p> <p>Engravidei, Pari Cavalos E Aprendi A Voar Sem Asas: Reflexões Acerca Da Afetividade E Solidão Da Mulher Negra <i>“Suas primeiras relações de afeto se concretizam com uma mulher porque, para ela, “sexo com homem era muito violento” (SILVA, 2014, p. 111). Apesar de ter se sentido livre ao se relacionar com uma mulher, tinha medo de ser violentada física e sexualmente, assim como o pai fazia. Posteriormente, a Alcoólatra conheceu um homem e engravidou. Devido ao vício, precisou passar o período da gravidez em uma clínica e novamente se viu sozinha.” (Ferreira, 2018, p.14)</i></p> <p>“Racismo e eventos produtores de estresse: narrativas de pessoas idosas negras” <i>“Sentir-se sozinha; baixo apoio social dos filhos; não ter um cônjuge/companheiro(a), morar só; papel de cuidador(a); relacionamento conjugal conflituoso; ausência de suporte instrumental; não reconhecimento da contribuição financeira.” (Santos e Rabelo, 2022, p.7)</i></p>	<p>Letras</p> <p>Psicologia</p>
--	---	---

<p>Afeto como reinvidicação do feminismo negro</p>	<p>Tive Que Trabalhar, Não Pude Parar” - <i>“Ao apresentar uma trajetória conturbada, seus versos nos mostram que a intersecção entre o racismo e machismo interfere decisivamente na afetividade e conseqüentemente na possibilidade das mulheres negras de exercerem práticas de autocuidado em suas vidas. Sendo assim, interessa-nos com este artigo observar como estas opressões marcam a saúde física e mental das mulheres negras e como o autocuidado é (ou não) evocado e presente (ou ausente) em suas vidas”</i> (Soares, 2021 p.199)</p> <p>A afetividade como estratégia metodológica: transgredir para (re)existir - <i>“A pessoas, sentimentos e espaços. Até o dia em que percebi que não eu não cabia e nem tinha afeto: era útil para projetos que não fiz e não me incluíam. Foi então, que bell hooks (2020) me salvou: o único conhecimento que serve a mulheres negras é o da transgressão das normas, das histórias e até dos dogmas com afetividade e aquilombamento com nossos/nossas iguais. Gloria Jean Watkins que nunca quis que seu alter ego na academia ficasse maior que sua existência de mulher preta e poeta delimitou e pautou seus espaços de atuação a partir da afetividade como espaço de resistência. É nesta fonte que bebi, bebo e beberei, quero crer, por muito tempo ainda.”</i> (Hilário, 2023, p.103).</p>	<p>Educação</p> <p>Letras - Jornalismo</p>
---	--	--

	<p>O entrelaçar da história e da ficção em Só as mulheres sangram. A pesquisa, de cunho bibliográfico e analítico, tem como base teórica as relações entre a história e a literatura; a concepção de literatura afro-brasileira; e a Teoria do conto. O texto levanta uma discussão interessante que é a de distinguir literatura de relatos históricos pois entende que ambos são construções sociodiscursivas. O que o texto propõe é uma aproximação de uma literatura negra que dialoga com o real. O texto em questão “Mulheres que Sangram” vai falar das dores que mulheres negras compartilham, mas com o horizonte de mostrar a amplitude das vivências com ênfase na importância da luta contra desigualdade. Por fim, a literatura contribui para a quebra do silenciamento.</p> <p>“Considerações Sobre A Poética Afrofeminina De Mel Adún: Afetividade, Erotismo, Emancipação Feminina E Misticismo” - <i>“O poema desvela e contesta o desnível em relação às experiências afetivas de mulheres negras e brancas em decorrência da formação histórica desigualmente miscigenada da sociedade brasileira, tal como explica Ana Cláudia Lemos Pacheco” (Andrade e Vicente, 2018, p.119).</i></p> <p>Linn Da Quebrada: A Importância Do Narrar-Se Para A Constituição Identitária No Imaginário Social. Esse texto traz afeto apenas como um dos elementos constituintes do</p>	<p>Comunicação Social - Rádio e Televisão</p> <p>Letras</p> <p>Educação</p>
--	---	--

	<p>sujeito, que são atravessados e constituídos a partir das representações culturais e midiáticas. O texto foca em discutir, a partir da figura da artista Linn da Quebrada, a importância dada à cultura como disparadora para discussão de raça, sexualidade e gênero. E coloca como fundamental que figuras como Linn da quebrada se coloquem nos espaços normativos, uma vez que corpos dissidentes são importantes para repensarmos a norma e a nossa sociedade, uma vez que figuras potentes assim só surgem em momentos históricos específicos, no qual estamos, a partir da construção de social, o que nos permite fazer leituras e caminhar.</p> <p>Mulheres negras na contramão do afeto- <i>“Os nossos corpos são territórios que abrigam as nossas emoções, a força ancestral, bem como a nossa identidade, a nossa história e a nossa capacidade de seguir resistindo e gestando emoções por todo trajeto. (Souza, 2020, p.264).</i></p>	<p>Comunicação Social – Jornalismo</p>
<p>Afeto como laços de carinho</p>	<p>“Amas de leite: dos anúncios de jornais do Século XIX em Pelotas/RS à atualidade - relações de trabalho e afeto no cuidado com crianças.” <i>A qualificação “carinhosa” contida nos anúncios de amas de leite instiga à reflexão para além do cuidado direto com a criança: relações que ultrapassam as obrigações podem criar vínculos de afetividade entre as diferentes pessoas. No caso da ama de leite, o seu corpo biológico determina as relações, visto que é seu “instrumento” de trabalho, de renda e, ao mesmo tempo, é</i></p>	<p>Arqueologia</p>

através da atividade da amamentação, do contato entre os corpos, que aparecem os laços afetivos. (Rodrigues, 2017, p. 197)

A proximidade física dessas amas com a família para quem trabalhavam poderia desencadear relações afetivas para além da condição de trabalho, fossem elas escravas ou livres. (Rodrigues, 2017, p.185)

Afeto como relações amorosos-sexual

A maioria dos textos encontrados colocam a afetividade no campo das relações interpessoais. Esses que assim o fazem focam em sua maioria nas relações amorosas-sexuais. Muitos deles trazem inclusive os termos afeto ou afetividade seguidos de sexualidade, demarcando essa proximidade, mas ao mesmo tempo distinguindo, colocando não sinônimos. (Amaral e Camargo, 2022, p.6)

São textos que a partir da literatura científica, de expressões artísticas e de entrevistas analisam como essas relações interpessoais refletem muitas vezes a herança de relações coloniais, em especial nos textos que trazem a instituição casamento.

É interessante notar que a maioria dos textos desta seção trazem como referência a tese "Mulher negra: afetividade e solidão" (2013), da socióloga e pesquisadora Ana Cláudia Lemos Pacheco. Essa tese, que foi publicada como um livro, é referência nos estudos das relações interpessoais amorosos-sexuais de mulheres negras, sendo a primeira a desvelar a solidão e a ausência de relacionamento estável entre mulheres negras. O livro deriva da experiência da mulher negra, muitas vezes excluída do campo sentimental, sujeita à erotização, ao trabalho doméstico e à subjugação enquanto mulheres brancas seriam retratadas como pertencentes ao campo do emocional e do casamento. Essas ideias aparecem recorrentemente nos textos aqui lidos, ou seja, trazem a ideia de que os relacionamentos amorosos são negados a mulheres negras ou então são marcados por violências.

Outro ponto a se destacar, é que dos textos apenas um em especial vai trazer a possibilidade de um relacionamento não hetero, entre mulheres. No trabalho "Amor entre mulheres negras é um ato revolucionário: (Re)existências lesboafetivas e subversão à heteronorma em "Beijo na face", de Conceição Evaristo" (Amaral e Camargo, 2022), a partir da análise do conto "Beijo na face", da Conceição Evaristo, onde existe um romance vivido por duas personagens, se evidencia o potencial que é estar em uma relação amorosa com uma igual, que tem

seu corpo também invisibilizado (lésbica), depreciado e desumanizado (negra). A relação descrita no conto, é uma evidência de que relações são possíveis fora da cisheteronormatividade opressora, não pontuada em outros textos.

Outro texto que se destaca nessa seção, é o “Racismo e eventos produtores de estresse: narrativas de pessoas idosas negras” (Santos e Rabelo, 2022), que expandem as relações interpessoais quando demarcam afetividade. “Sentir-se sozinha; baixo apoio social dos filhos; não ter um cônjuge/companheiro(a), morar só; papel de cuidador(a); relacionamento conjugal conflituoso; ausência de suporte instrumental; não reconhecimento da contribuição financeira.” (Santos e Rabelo, 2022, p.7).

Afeto como reivindicação do feminismo negro

Os textos que trazem o afeto como uma categoria abstrata, ou então como emoção, trazem a dimensão que o afeto é marcado pelos atravessamentos de raça e gênero. Nessa segunda seção, o termo aparece com sentidos mais pulverizados, assim como as definições de emoções também variam a depender das abordagens, mas todos os textos pontuam como os afetos de mulheres negras são marcados pelo racismo e pelo machismo, demarcando como não se trata de experiências universais ou naturais, mas construções que foram inclusive demarcadas pela herança da escravidão no Brasil.

Os textos também trazem, ainda que sem a definição precisa, da importância dos afetos nos processos de subjetivação de mulheres negras (Soares, 2021 p.199). E como o racismo e o machismo interferem na possibilidade das mulheres negras de exercerem práticas de autocuidado em suas vidas, influenciando nas suas relações, nos processos educacionais, no acesso à saúde e na relação com si. Alguns dos textos vão trazer a representação na literatura e na mídia como elementos que vão produzindo construções sociodiscursivas negativas, que levam a um silenciamento dos afetos de mulheres negras e conseqüentemente na produção de sofrimento e insegurança (Henrique; Rodrigues, 2021).

Por fim, esses textos trazem em comum a importância da afetividade como espaço de resistência. Assim como na outra seção, nota-se aqui a recorrência da bell hooks (2021) enquanto referência para a discussão.

Ainda nessa categoria, um dos textos traz uma base teórica bem marcada para definir afeto/afetividade, que vale pontuar aqui. O texto “Mulheres negras na contramão do afeto” (Souza, 2020), parte do campo teórico da sociologia das emoções para trabalhar o conceito, apoiada também na antropologia, nos estudos de gênero e raça, e nos estudos culturais. O articula o conceito de maneira aproximada com a apresentado na introdução desta pesquisa, tendo bell hooks como referência e coloca que “Os nossos corpos são territórios que abrigam as nossas emoções, a força ancestral, bem como a nossa identidade, a nossa história e a nossa capacidade de seguir resistindo e gestando emoções por todo trajeto (Souza, 2020, p.264). Colocando como vivenciando nossos afetos no corpo, a partir das nossas vivências, assim como proposto por Bader Sawaia, ainda que a referência não tenha sido usada no trabalho.

Afeto como laços de carinho

Um dos textos traz um sentido e uma temática que se destaca. O trabalho “Amas de leite: dos anúncios de jornais do Século XIX em Pelotas/RS à atualidade - relações de trabalho e afeto no cuidado com crianças” (Rodrigues, 2017), vai tratar das relações de trabalho do cuidado doméstico de mulheres negras, para com famílias brancas e os ideais de maternidade e cuidado de crianças. Aqui afeto se refere a forma carinhosa como essas mulheres nos papéis de amas de leite no período escravista, cuidavam dos filhos dos senhores brancos e das heranças desse período para as relações de cuidado da atualidade.

Além de apresentar esse sentido mais específico de afetos, o texto traz à tona discussões importantes de relações de dominação no espaço de trabalho, o lugar das mulheres negras como trabalhadoras do cuidado e dos ideais de maternagem também construídos.

6. DISCUSSÃO:

Pensando nos objetivos propostos, os resultados foram apresentados de uma forma que demonstra nas categorias como a literatura científica aborda o conceito afetividade. Para a discussão, trago os termos apresentados nos objetivos para também conduzir a forma como analiso os resultados.

6.1 Compreender como a presença ou a ausência dos conhecimentos psicológicos nas pesquisas em questão se evidenciam

Com base no que encontro nos resultados, os estudos ainda aparecem em um número reduzido nas principais bases de dados nacionais com amplitude temática, sendo que o número de artigos publicados nessas bases, nos últimos dez anos, se mantém em no máximo três publicações por ano, com exceção de 2021, ano no qual 7 artigos foram encontrados. Creio que uma limitação desta pesquisa foi não ter selecionado outras bases de dados para comparar se existe um recorte e se os estudos em outras bases estão mais avançados.

Do ponto de vista dos campos temáticos de publicação, nota-se uma presença considerável de escritos que transversalizam o debate de raça, gêneros e afetividade no campo da literatura e da dramaturgia. Esses artigos trazem a potência da arte enquanto um mediador social e veículo do movimento negro, uma vez que partem da experiência de si e ou de um outro que é sujeito, como possibilidade de integração social, manutenção da memória e libertação coletiva da população negra (Silva e Silva, 2021, p.1940).

A partir da poesia, da música, do cinema, da literatura e da dramaturgia, a arte vai compondo uma cultura de exaltação e valorização da população negra diferente do que foi produzido no meio acadêmico.

A produção do conhecimento do Movimento Negro, da negra e do negro, sobre si mesmos e a realidade que os cercam não têm origem nos bancos acadêmicos nem nos meios políticos. Isso surgiu na periferia, na experiência da pobreza, na ação cotidiana, nas vivências sociais, na elaboração e reelaboração intelectual de sujeitos negras e negros, muitos dos quais nem sequer foram (e alguns ainda não são) reconhecidos como pesquisadores, intelectuais e produtores de conhecimento (GOMES, 2019, p. 224).

Poder se enxergar em outras possibilidades de mundo, de emancipação, de força, permite que a partir das próprias narrativas construa-se outros sentidos visíveis em suas experiências (Ferreira e Proença, 2017). A importância da identidade social é resumida na maneira como o sujeito deseja ser percebido e legitimado na sociedade. Isso envolve representatividade e a busca por reparação histórica através da mídia, literatura e outras formas de arte. A identidade social proposta por Meinhart e Schmidt (2023) é vista como parte de um discurso de libertação e representatividade, permitindo que pessoas invisibilizadas ou discriminadas se façam visíveis e reconhecidas na sociedade. Além disso, a arte aparece nos textos como um instrumento de provocação e reflexão, que de maneira sensível (ou não) discute temas complexos para a nossa sociedade, tais como gênero, sexualidade e raça (Meinhart e Schmidt, 2023).

Os artigos em questão também partem mais da sociologia para compor o debate, do que a própria psicologia. É interessante pensar no quanto a psicologia tem a contribuir com o campo, uma vez que os textos trazem o sofrimento presente nas vivências afetivas atravessadas pelo racismo e pelo machismo de mulheres, em especial, mulheres negras.

Ao analisar a evolução histórica do desenvolvimento da Psicologia no Brasil, Bock (1999, p. 319) sustenta que ocorreu uma transição "desde o controle no período colonial, passando pela higienização no início do século XIX, até a diferenciação no século XX" (p. 319). Essa observação da autora nos conduz a questionar os significados da Psicologia e suas perspectivas. A ciência-profissão desempenhou um papel significativo no desenvolvimento de uma sociedade padronizada, regulamentada e moralizadora, transformando fenômenos psicológicos e sociais em psicopatologia ou desvio, e transformando intervenções curativas, remediadoras e terapêuticas em práticas psicológicas consolidadas (Martin-Baró, 1996).

A possibilidade de estabelecer a Psicologia como uma ciência profissional no Brasil carrega a memória social de intervenções segregacionistas e institucionais, que foram aplicadas à noção de um sujeito universal, negando os processos históricos e sociais que moldaram a identidade do povo brasileiro. Isso posto, é possível notar nos estudos aqui analisados que os campos são múltiplos e que registrar que um saber psicológico decolonial e antirracista, se beneficia de estudos

que partem da sociologia e de outros campos, como as epistemologias feministas, a arte, etc.

6.2 Caracterizar e criticar o que se tem produzido

Ao ler os artigos, faço a leitura de que a popularização do uso do termo afetividade representa uma reivindicação de falarmos sobre emoções a partir de um novo referencial, resgatando a historicidade do que é sentir. Falar em afeto nos textos soa como uma tentativa de racializar os debates das emoções e das nossas vivências, justamente no lugar de desnaturalizar e desuniversalizar as emoções, ao mesmo tempo que combate a ideia de amor romântico amplamente divulgado.

Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), referência presente na maioria das pesquisas, traz a importância de pensar a solidão e o preterimento na vivência de mulheres negras. Ela traz à tona um evento tido como natural e propõe um giro, ao racializar e desuniversalizar o fenômeno das relações amorosas e do casamento. Ao passo que ela fala de preterimento e solidão, ela argumenta que as mulheres negras não têm a chance de viver o “casamento cristão” ou então se sujeitam a relações que não as valorizam.

A instituição do casamento estabelece, em interface com as perspectivas de gênero, o papel da mulher na sociedade. A partir dessas construções a mulher ideal deveria ser pura, generosa, fiel, assexuada, submissa ao marido e responsável pela família e sua reprodução; sendo o sexo então considerado como uma ferramenta de agrado ao marido e de reprodução e o prazer da mulher considerado imoral. Essas ideias foram sendo mantidas primeiramente pela Igreja católica e posteriormente pela Medicina que também serviu como uma instituição de fiscalização e de repressão moral (Zanello, 2018).

Assim, o casamento foi se constituindo como o objetivo de vida das mulheres, sendo que aquelas que não se casavam eram vistas como inferiores, anormais e até doentes mentais; o que se percebe a partir da literatura que constitui essa pesquisa é que às mulheres negras não foi permitido a vivência do amor romântico, vivido no casamento, assim como não foi permitido a vivência das emoções. Os padrões de comportamento colocados como femininos e

consequentemente como atraentes para o casamento foram exclusivos para mulheres brancas.

Se instituindo também a necessidade de a mulher ser escolhida por um homem como forma de alcançar uma posição social superior. Os textos trazem a ideia do preterimento, sem colocar em análise necessariamente a noção de que existe uma posição onde homens “escolhem” suas companheiras. Ainda, na transição do século XIX para o XX junto da valoração do sentimento do amor romântico nas relações, há um processo de afirmação crescente do individualismo que transferia da família a tarefa de acordar um matrimônio para as mulheres para o âmbito individual, em que ficou com os homens a tarefa de escolher uma mulher e com as mulheres a tarefa de ser escolhida. E, para ser escolhida, a mulher deveria ter atributos individuais atrativos que passaram a se basear na boa aparência e comportamento; sendo que o padrão de beleza que passou a ser valorizado, buscado e consumido foi o louro, branco, magro e jovem (Zanello, 2018).

O racismo vigente na prateleira do amor faz com que as mulheres negras acabem sendo vistas pelos homens, muitas vezes, como objetos sexuais a serem descartados. O afeto é resguardado para aquelas em melhores “posições” (ZANELLO, 2018 p. 104-105).

Nessa condição posta do preterimento e pensando na história de escravidão que colocou desde o começo a mulheres na condição de trabalhadoras, mulheres negras foram destinadas ao mundo do trabalho tendo seus corpos objetificados. Coube às mulheres negras terem que cuidar dos outros e se negligenciaram do lugar afetivo do cuidado a si próprias e dos seus (Gouveia, 2018). O texto “Amas de leite: dos anúncios de jornais do Século XIX em Pelotas/RS à atualidade - relações de trabalho e afeto no cuidado com crianças.” (Rodrigues, 2017), nos enuncia essa problemática e marca que não se trata de uma impossibilidade emocional, mas sim material e concreta, que de fato impede que muitas mulheres negras estejam no seio familiar e vivenciando a experiência afetiva hegemônica e branca. Esse é um tema central na vida de mulheres, que dentro de seus relatos trazem as dores de se verem sozinhas nas relações ou de se sujeitar a relações marcadas por opressões, racismo, sexismo e desigualdades (Ortega e Brambilla, 2022).

As representações culturais estereotipam mulheres negras, negando-lhes direito ao afeto, enquanto as brancas são vistas como dignas de relacionamentos

estáveis. Isso resulta em dificuldade de acesso a relacionamentos não objetificadores para as mulheres negras.

O que se mostra é que o padrão de mulher que existe é um padrão é branco (Souza, 2021). Essa afirmação ecoa o questionamento “Não sou eu uma mulher?”. Retomo essa colocação para refletir sobre a presença de apenas dois textos nessa amostra que pensam sobre os relacionamentos não hetero. Audre Lorde (2020) vai trazer a discussão da sexualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais que dentro dos movimentos negros sofrem com a homogeneização de um movimento ainda pautado no homem, que cria um estereótipo de que lésbicas como apolíticas, e outras visões homofóbicas e enquanto isso existe a dimensão do questionamento das mulheres feminilidade questionada pelos movimentos feministas que seguem dentro da branquitude.

Nós na América Latina somos marcadas no corpo pela colonialidade. Vivemos em uma sociedade cisheteropatriarcal racista, onde os corpos que se apresentam mais distantes dessa feminilidade aqui construída ficam mais vulneráveis e são ainda mais subjugados, estando inclusive mais suscetíveis a violências e violações.

Um ponto que se sobressai na segunda sessão dos resultados é a compreensão de que a discussão dos afetos de mulheres negras não se reduz aos relacionamentos amorosos, mas se estendem a todos os campos de vida (Hilário, 2023). Essa é uma noção com a qual autoras e autores da psicologia Sócio-histórico também trabalham (Toassa, 2009). Chamo a atenção para a relação entre os textos e a abordagem teórica da Sócio-histórica para assegurar a busca pela superação da dicotomia objetividade-subjetividade. Entender que os sentimentos, chamados aqui como afeto, integram nossas vivências, sendo mente e corpo uma coisa única, sem hierarquia ou relação causal entre elas (Sawaia, 2009, p. 367), é um caminho na tentativa de validação das emoções.

Sem perder de vista a importância de pensar que a vivência das emoções está sempre marcada pelo atravessamento de raça e gênero. Um avanço dos estudos aqui lidos, que agregam inclusive as referências da psicologia, é entender a experiência afetiva para além de um sujeito genérico. Os textos trazem o sujeito tomado por sua historicidade, ou seja, pensam o lugar da mulher na sociedade, que

se deu pelos processos históricos e não ao acaso ou naturalmente. Portanto, não se trata de vivências universais.

A abordagem da mulher negra está ligada ao resgate histórico, contextualizando a contemporaneidade como uma continuação do colonialismo, com os pilares do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado afetando objetiva e subjetivamente. Por fim, os textos trazem a importância de falar sobre a subjetividade de mulheres negras para questionar as estruturas sociais opressivas e convoca bell hooks para enfatizar a importância do amor na vida das mulheres negras, abrangendo não apenas o aspecto afetivo-sexual, mas também o autoamor, o amor ao ethos e o amor à família, etc.

O que os textos vão sustentar é a importância da mudança nas representações e experiência dos afetos de mulheres negras para que através da cultura, do coletivo, da percepção de si, passem a se valorizar e consequentemente fortaleçam umas às outras (Meinhart; Schmidt, 2023). Como bell hooks (2010) propõe, pensar na importância dos afetos como enfrentamento ao racismo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em questão se propõe a continuar os estudos no campo de interesse da pesquisadora, construindo novos referenciais para o acolhimento e o cuidado pautados no afeto. A escolha pela revisão de literatura permitiu que fossem feitas análises sobre o que tem sido pesquisado, tendo sido possível identificar referências importantes na área e temas relevantes para continuar explorando.

O que se percebeu é que, ao olhar para os afetos, existe uma gama de campos e temas sendo pesquisados, o que endossa a teoria sócio-histórica dos afetos enquanto dimensão indissociável da experiência do sujeito. Ao mesmo tempo, a falta de artigos encontrados nestas bases de dados me leva a pensar se a teoria está se havendo com a experiência vivida atravessada por raça e gênero. Me ocorre que mesmo uma teoria crítica ainda trata de um sujeito genérico. Faço essa afirmação enquanto uma abertura para novos estudos.

Em contrapartida, os textos encontrados, mesmo que de áreas de estudo diferentes, reivindicam um afeto que nomeio aqui como do feminismo negro. Esses textos indicam que emoção ao ser entendida como antagonista da razão produz

desqualificação e desumanização de mulheres negras, uma vez que essa classificação só foi permitida a mulheres brancas. Ainda que possamos fazer críticas ao uso patriarcal e machista dessa classificação, fora da racionalidade do homem.

O que autoras como bell hooks e Ana Cláudia Lemos Pacheco, duas das principais referências que aparecem nos textos e que certamente são vozes respeitadas pelo feminismo negro e dentro da discussão dos afetos, pleiteiam é um olhar atento para as vivências afetivas das mulheres. Estamos falando de vivências marcadas pelo racismo e vulgarmente analisadas muitas vezes com um olhar hegemônico branca. Poder repensar o sentir e ouvir a experiência singular de mulheres negras, resgatando cada um em seu potencial de sujeito ativo, que sente e que vive no corpo é importante para que não sejam reproduzidas violências dentro da psicologia, minimizando o maternar de mulheres negras, patologizando ou minimizando expressões de emoções, por exemplo.

Nesse sentido, fazer uma leitura dos afetos a partir do atravessamento de raça, gênero e idade, foi uma contribuição importante dos estudos. Os textos trazem a urgência que é desconstruir a ideia de amor romântico ou a noção de um afeto acrítico, se aproximando do que bell hooks propõe: um amor enquanto ação, que implica um compromisso, que constrói. Fica evidente na pesquisa, que se existe uma “ferida”, colocada enquanto dificuldade de sentir e demonstrar amor é porque historicamente não foi permitido a mulheres negras. Não se trata de uma impossibilidade, mas um impedimento material, marcado pelo racismo estrutural e as condições de vida.

8. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Rangel Gomes; Adalberto Luis Vicente. "Considerações sobre a poética afrofeminina de Mel Adún: afetividade, erotismo, emancipação feminina e misticismo." **Travessias** v.12.1 2018, p. 113-130.
- AMARAL, Amanda Nunes do; Camargo, Flávio Pereira. Amor entre mulheres negras é um ato revolucionário: (Re)Existências Lesboafetivas E Subversão À Heteronorma Em “Beijo Na Face”, de Conceição Evaristo. **Letras & Letras**, v. 38, 31 dez. 2022.

- BICUDO, Virgínia Leone. 2010. Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo. São Paulo: Editora Sociologia e Política.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 4, n. 2, p. 315-329, 1999.
- CARNIEL, Gabriela Pacheco; DIERCKS, Margarita Silva; JUNG, Natália Miranda. A história de uma mulher negra e gorda: cotidiano, afetividade e sexualidade. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 33, p. e33028, 2023.
- CÉSAR, Rafael. MULHERES NEGRAS, SEXUALIDADES E A HERANÇA DAS RELAÇÕES COLONIAIS: nuances reveladas em Balada de Amor ao Vento, de Paulina Chiziane, e O Olho mais Azul, de Toni Morrison. **Revista Mulemba**, v. 2, n. 2.
- DAVIS, A. Mulheres, raça e classe. [s.l.] Boitempo Editorial, 2016.
- DOS SANTOS HENRIQUES, Elizane Souza; DE OLIVEIRA RODRIGUES, Inara. O entrelaçar da história e da ficção em Só as mulheres sangram. **Navegações**, v. 14, n. 2, p. e35687-e35687, 2021.
- EVARISTO, Conceição. Olhos D'Água. Pallas - 1a edição, Rio de Janeiro, 2014.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (org.). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora. João Pessoa: **Idéia**: Editora Universitária UFPB, 2005. Livro não paginado.
- FAUSTINO, D. M. A emoção é negra, a razão é helênica? Considerações fanonianas sobre a (des)universalização do "ser" negro. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 9, n. 18, 13 dez. 2013.
- FERREIRA, A. C.; PROENÇA, D. M. Literatura afrofeminina na escola: contribuições e reflexões em torno das afetividades de adolescentes negras. **Travessias**, Cascavel, v. 11, n. 1, p. e16601, 2017. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/16601>.
- FERREIRA, Lorena Ribeiro. Engravidei, pari cavalos e aprendi a voar sem asas: reflexões acerca da afetividade e solidão da mulher negra. **Revista Darandina**, p. 1-18, 2018.
- Fonseca, Fernanda Cardoso. Nossa América Ladina: O pensamento (decolonial) de Lélia Gonzalez. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33728>
- GALVÃO, Taís Freire; PEREIRA, Mauricio Gomes. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 183-184, mar. 2014. Disponível em <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742014000100018&lng=pt&nrm=iso>.
- GOMES, Nilma Lino. O movimento negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze et.al. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p.223- 246.
- GOUVEIA, R. P. Trabalho, Gênero e Saúde Mental: contribuições para a profissionalização do cuidado feminino. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2018. v. 1. 222p.

- Hilário, R. A. (2023). A afetividade como estratégia metodológica: **Revista Espaço Acadêmico**, 22(238), 101-114. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/65963>
- HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021. 272 p.
- HOOKS, bell. Vivendo de Amor. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>2010.
- JÚNIOR, José Rosa dos Santos. "Antes que ele chegue, eu já sou mulher": figurações do feminino na lírica de Lívia Natália. **REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS**, v. 1, n. 24, p. 424-439, 2020.
- KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.
- KITADAI, Aya Tamashiro; BRAMBILLA, Beatriz Borges. O processo de alienação-desalienação na clínica em Psicologia Sócio-Histórica; Início: 2021; Relatório Iniciação científica - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2022.
- LANE, S. T. M. (1999). Os fundamentos teóricos e conclusões. In S. T. M. Lane & Y. Araújo (Eds.), *Arqueologia das emoções* (pp. 11-33, 119-120). Petrópolis, RJ: Vozes.
- LORDE, Audre. Sou sua irmã. [s.l.] Ubu Editora, 2020.
- MARTIN-BARÓ, Ignacio. - O papel do psicólogo. *Estudos de Psicologia*, 1996, 2 (1), 7-27.
- MEINHART, M.; SCHMIDT, S. Linn da Quebrada: a importância do narrar-se para a constituição identitária no imaginário social. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 10, n. 22, p. 449-458, 31 jan. 2023.
- NASCIMENTO, Beatriz. Uma história escrita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. 271 p.
- OLIVEIRA, Ilzver de Matos; Santos, Nayara Barbosa. SOLIDÃO TEM COR? Uma análise sobre a afetividade das mulheres negras. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, Aracaju , V.7, N.2, p. 9 - 20, Out. 2018.
- ORTEGA, Mariana Xavier; Brambilla, Beatriz Borges. Afetividade E O Cuidado Na Clínica Em Psicologia Sócio-Histórica: Uma Experiência De Cuidado Aquilombado Entre Mulheres; Início: 2021; Relatório de Iniciação Científica - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. 2022.
- PEREIRA, Bruna. "Um "Olhar Oposicional" Sobre o Amor: Afetividade e Sexualidade Pelo Olhar de Intelectuais Negras." **WSQ: Women's Studies Quarterly**, vol. 49, 2021, p. 334-353. Project MUSE, <https://doi.org/10.1353/wsq.2021.0038>.
- PEREIRA, Letícia Dos Santos ; SANTANA, Carolina Queiroz; BRANDÃO, Luís Felipe Silva Da Paixão. O apagamento da contribuição feminina e negra na ciência: reflexões sobre a trajetória de Alice Ball. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 12, n. 40, p. 92-110, 2019.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos.. Mulher negra : afetividade e solidão. Salvador: Edufba, 2013.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. 2005. Disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org>.

- RATTIS, Alex. 2016. "Parte I: Quantos Caminhos Percorro." *Eu sou Atlântica: Sobre a Trajetória de Vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- REY; Fernando Gozález. *O social na psicologia e a psicologia social a emergência do sujeito*. [s.l.] Petrópolis Vozes, 2004.
- RODRIGUES, Marta Bonow. Amas de leite: dos anúncios de jornais do Século XIX em Pelotas/RS à atualidade - relações de trabalho e afeto no cuidado com crianças. **Tessituras**, Pelotas, v. 5, n. 1, p. 185-204, jan./jun. 2017.
- RODRIGUES, Vera; Pereira, Edilene Machado. "Mulheres Negras Brasileiras: Sentimentos e Vivências em Relação à Solidão." **WSQ: Women's Studies Quarterly**, vol. 49, 2021, p. 246-263. Project MUSE, <https://doi.org/10.1353/wsq.2021.0042>.
- ROUSE, Josefa. Ifigênia: De Prostituta: À Heroína. **Sankofa (São Paulo)**, v. 12, n. 23, p. 51-83, 2019.
- SAMPAIO, R.; MANCINI, M. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, v. 11, n. 1, p. 83–89, 2007.
- SANTOS, Naylana Rute Da Paixao; RABELO, Dóris Firmino . Racismo E Eventos Produtores De Estresse: Narrativas De Pessoas Idosas negras. **Cienc. Psicol.**, Montevideo , v. 16, n. 2, e2494, dic. 2022 . Disponível em <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-42212022000201209&lng=es&nrm=iso>.
- SAWAIA, B. B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 3, p. 364–372, dez. 2009.
- SILVA, A. C. de M. da .; SILVA, B. A. da . Educação, artes e os saberes ancestrais no combate ao racismo: afetos, memórias e resistências. **Filosofia e Educação, [S. I.]**, v. 13, n. 1, p. 1938–1963, 2021. DOI: 10.20396/rfe.v13i1.8664181. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8664181>.
- SOARES, Luana. Tive Que Trabalhar, Não Pude Parar. **Women's Studies Quarterly**, v. 49, p. 118-134, 2021.
- SOUZA, Luana Franciele Miranda. Mulheres negras na contramão do afeto. **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia, MG, v.33, n.2, acesso: seer.ufu.br/index.php/neguem. jul./dez. 2020
- SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar. 2021.
- TOASSA, Gisele. Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural, São Paulo, 2009.
- VIEIRA, Camilla Gabrielle Gomes. Experiências De Solidão Da Mulher Negra Como Repercussão Do Racismo Estrutural Brasileiro. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 5, n. 10, jul./dez. 2020
- ZANELLO, Valeska M. Loyola. Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação. 1. ed. Curitiba: Appris Editora, 2018. 301 p.